

MURMURIOS DO SADO

por

D. MARIANNA ANGELICA DE ANDRADE,

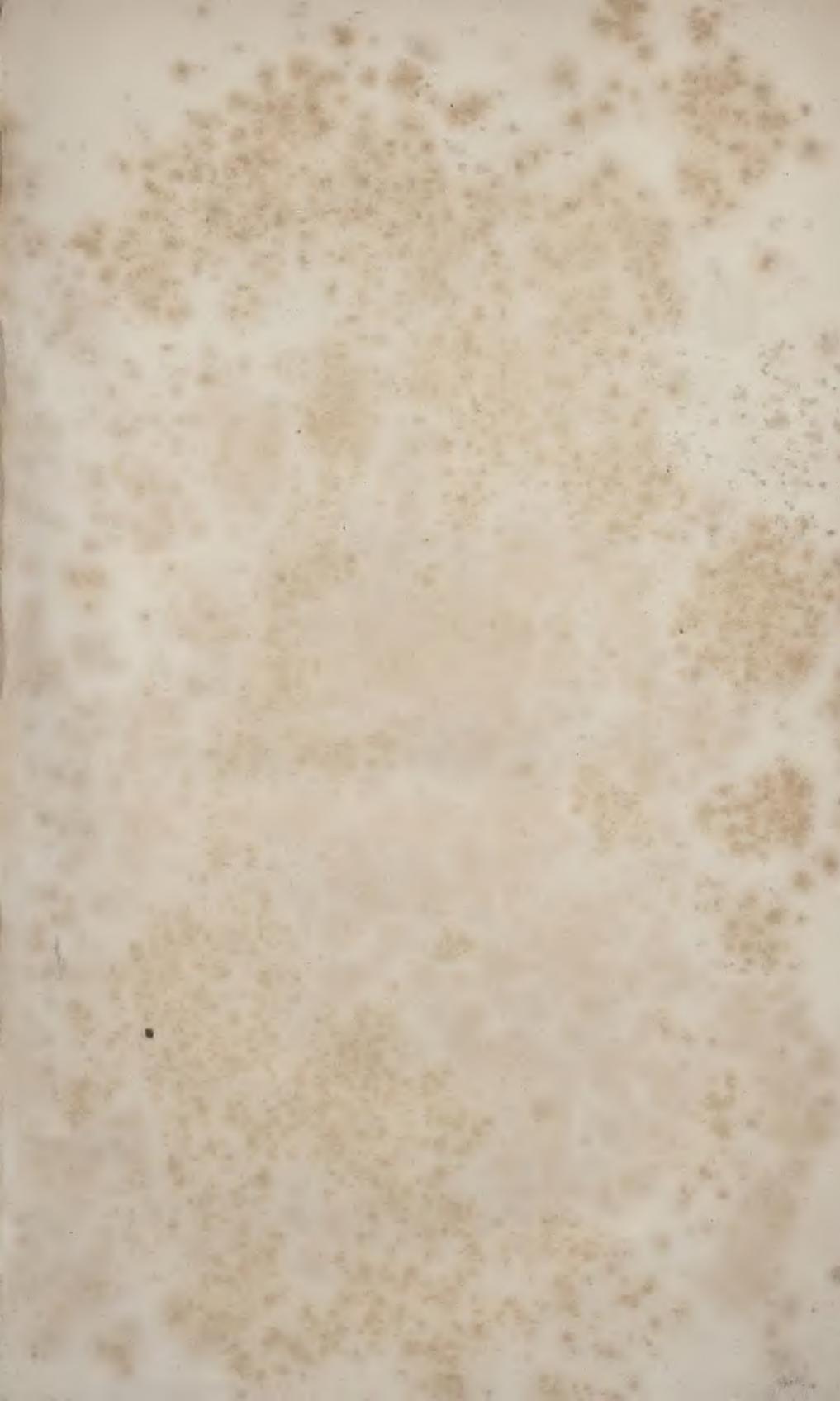
COM UM PROEMIO

DE

CANDIDO DE FIGUEIREDO

1870

MURMURIOS DO SADO





M. A. de Andrade.

MURMURIOS DO SADO

POESIAS

POR

D. MARIANNA ANGELICA D'ANDRADE



SETUBAL

TYPOGRAPHIA DE JOSÉ AUGUSTO ROCHA
6 — Rua da Misericordia — 6
1870

R.1055

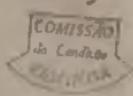


FIG SAO RÉ

A SUA MADRINHA

A EX.MA SR.A

D. GERTRUDES ANGELICA D'ANDRADE LIGEIRO

EM PENHOR DE MUITA ESTIMA E GRATIDÃO

Dedica

A autora.

ANVILLSKAMM AUS A.

ANVILLSKAMM

ANVILLSKAMM AUS A. ANVILLSKAMM A.

ANVILLSKAMM AUS A. ANVILLSKAMM A.

ANVILLSKAMM

ANVILLSKAMM AUS A.

PROEMIO

Discretiam por ahí á porfia sobre a missão e o destino da mulher. Filosofos humanitarios, de vistas largas e imaginação ardente, cruzam razões, e palavras sem razão, com os mantenedores sistematicos dos rançosos preconceitos e da santa ignorancia de nossos avós.

Para uns, a mulher-typo é mais que Aspasia e Hypatia, é a mulher plenamente emancipada da superioridade varonil, é a mulher inscrevendo o seu nome na lista dos cidadãos livres, e entrando com o homem na partilha dos cargos da republica e nas funções e direitos do cidadão.

Para outros, a mulher nunca devia erguer os olhos da costura e dos lavores domesticos, senão para ornamentar os salões, ou para dar ao confessor exacta conta duns pecadilhos que ella confessa á falta de culpas sérias. Os que assim pensam abandeiam-se uma vez com Rousseau para invectivar contra a sciencia, e reduzem a sciencia da mulher a pespontar ciloiras, e levantar as malhas das piugas.

E' para mim de fé, que nem uns nem outros andam bem avisados no que pensam e dizem.

A sociedade é um organismo, e a familia uma pequena sociedade. Na organisação da familia há distribuição

de misteres consoante a indole e a capacidade de cada membro. Confiar indiferentemente ao homem e á mulher as funcções internas e externas da sociedade familiar, seria um erro de economia domestica; levar a mulher aos altos cargos do estado, fazel-a *deputada, desembargadora*, importaria a alteração profunda do organismo da familia, e conseguintemente o desequilibrio do corpo social.

Por outro lado, a mulher ignorante, a mulher em quem se não reflectem os clarões da civilisação, a mulher a quem o preconceito atrela ao egoismo e ao despotismo do homem, é uma calamidade na familia. O sentimento, que é o distintivo mais nobre da mulher, mal se apercebe nas trevas da ignorancia: aqui o espirito cede o logar á materia, e o berço, em que se formam as almas generosas e sans, é então a primeira fonte da superstição, e da rudeza de sentimentos.

A mulher eleva-se pelo sentimento, e educa pelo sentimento. Enquanto o homem pensa, planeia e duvida, a mulher ama, sente e crê. Nella, os prodigos de sentimento escurecem muitas vezes as maravilhas da razão do homem. As Saphos e as corinas, involtas na clâmide branca da poesia, são sempre mais bem-vindas, trazem mais consolação e mais bênçãos, ao ermitério do monge, á morada do descrente, ao leito do informo, ao tugurio da indigencia, do que os vultos magestosos e graves dos Aristoteles e dos Newtons.

Espelho cristalino da alma da mulher, a poesia edifica, alenta, converte, consola e dá; e, quando a alma da mulher se vasa nas paginas dum livro, podemos invadir impunemente os penetraes dum santuario de affecções; podemos ver, face a face, a grandeza daquelle sentimento que faz martires e heroes; podemos identificar-nos com a candidez dumha alma virgem, e sentirmo-nos melhores, mais felizes e mais crentes.

Os *Murmurios do Sado* são um livro de poesias, escritas por mão feminina. Li-o, e venho fazer um convite em vez dumha apresentação. Não apresento a autora,

de fada /

do livro, porque é possível que me perguntem pelo meu nome; convido o leitor a espalhar a vista por essas formosas paginas, paisagens suaves e duma tristeza incantadora, chaquetadas de arbuseulos e flores como as paisagens do Perugino.

Em face da expontaneidade do sentimento, diante dum livro intimo, defronte de poesia tão serena, e tão desatavida de mentirosas louçainhas de arte, sinto-me de tal maneira embellecado naquellea graciosa simplicidade, e peiado na razão pela varinha misteriosa/que segredou aquellas harmonias, que me falece o animo para afinar esses cantos pelo austero diapasão da estheticā.

Não se diga contudo que os preceitos da arte cederam á naturalidade do canto. Se, numa obra poetica, os homens da filosofia da arte exigirem imaginação rica, sensibilidade viva, juizo seguro, expressão forte, sentimento musical, de tudo isto acharão alguma coisa n'este formoso livro. Quando a revezes afroixa a razão — o *juizo seguro*, surge a sensibilidade einpanando-nos de lagrimas os olhos, e abalando o que há de mais fundo no coração humano; e resplandece o anjo da harmonia apartando-nos com seu canto, da aridez da analyse, como o canto das sereias apartava dos escolhos os companheiros de Ulisses.

Os *Murmurios do Sado* são a historia da poetisa, são a traducçāo completa dos sentimentos mais intimos da autora, das suas aspiraçōes, das suas crenças, das suas tristezas, das suas alegrias, dos seus desalentos: são as capellas de flores, que as virgens varsovianas arremessam á corrente por se libertarem de ruins cuidados.

Numa pagina, entrevêm-se os ultimos clarões do sol poente illuminando uma fronte inspirada e triste; e dos labios da poetisa ergue-se para o sol que se despede um himno de suavissima tristeza:

«Froixo e tibio, declina esmorece,
Nestas horas de paz infinita,

Nestas horas de crença bem-dita,
 Que tão gratas docuras contém!
 Qual a sua, e a minha existencia:
 Já sentiu alegria um instante;
 Mas agora, sem luz, vacillante,
 Desfallece . . . declina tambem! . . .»

Noutra pagina, há uns assomos de alegria passageira; o amor patrio desata-se em flores aromaticas, e a poetisa, nascida em terras de Portugal, diz a uma americana:

«Não temos virgens florestas,
 Mas não nos faltam collinas,
 E mais formosas são estas,
 Esmaltadas de boninas!
 Em horas de calma ardente,
 Vai recostar-te indolente
 À sombra dos laranjais,
 E nas horas incantadas
 Em que as auras perfumadas
 Vão gemer entre os rosais.»

Aqui, é a desesperança de achar ventura no proprio asilo santo da poesia, onde se acolhe e livra das tempestades da vida positiva; e diz da poesia:

«Não quero ver-te já! seduz teu brilho,
 Mas torna-me infeliz!
 O teu sorriso encanta, mas eu chora
 Em quanto me sorris!»

Alem, é a mulher que hoje sonha, crê e espera, e que ámanhã joelha resignada sobre o tumulo das ilusões perdidas:

«Sonhas um ser, perfeito sem segundo;
 Da-lhe formas e vida a phantasia,
 E o teu idolo adoras!

Não julgas que elle vem do lodo immundo:
 Cai a mascara, . . . ri a hipocrisia,
 E tu que fazes? choras!»

Eu não posso deixar de votar a este livro a minha simpatia porque me parece que intendo um pouco do muito que o coração deixou espalhado por essas páginas. Mas a leitora ha de por certo apresiar melhor, e intender mais do que eu, os longos e suavíssimos misterios que a alma da mulher segréda á solidão em horas de poesia.

É invejável o destino dum livro assim. Achar agasalho em todos os seios em que o cinismo e a indiferença do seculo não lançaram ainda uma gota do seu fel; ecoar em todos os corações em que floreja uma esperança ou se crava o espinho duma dor; velar, como anjo custodio, á cabeceira dos infelizes; dar balsamos e receber carinhos; diffundir bênçãos e ser abençoado — parece-me ser esta a merecida sorte que no futuro aguarda o livro que hoje se estampa.

Eu, por mim, sinto um legitimo orgulho, por ser o primeiro em saudar este livro, que não pôde passar desapercebido nos fastos da nossa litteratura. Violante do Céu, e a marquezza de Alorna, e a viscondessa de Balsenão, e toda a pleiade dos nossos talentos femininos, ha de receber, como no seio d'uma constellação luminosa, a estrella que se levanta das margens do Sado.

1870, 2 de setembro.

CANDIDO DE FIGUEIREDO.

Incutas produções da mocidade
Exponho a vossos olhos, ob leitores:
Vede-as com magoa, vede-as com piedade,
Que ellas buscam piedade, e não louvores.

BOCAGE.

DEUS

Abri, Senhor, meus labios! Santos hymnos
Meus labios cantarão em honra vossa!

C. CASTELLO BRANCO.

As cordas mais sonoras do alaúde
Só as consagro a Deus!
E a primeira canção que n'elle vibro
É de crença nos ceus!

Inspiras-me, Senhor! Sinto na mente
Os estros da poesia!
Prostrada aos pés da cruz, dedilho as notas
Da mais santa harmonia!

Bemrito sejas tu, porque me has dado
A par de negras dores,
Ventura sem igual! D'entre os espinhos
Brotaram muitas flores!

Digam os homens, quando imperam trevas,
—«Estrellas, reluzi!»—

Ao mar, quando se agita no seu leito,
 —«Não passarás d'ahi!»—

Ao sol, quando attingiu o seu zenith,
 —«Suspende o giro teu!»—
 Ao cadaver, que dorme no sepulchro,
 —«Acorda, mando eu!»—

Digam á flor já murcha e desfolhada,
 —«Torna a reverdecer!»—
 Mas não digam a quem sobraça a lyra,
 —«Tu hasde emmudecer!»—

No meu escuro céu, inda uma estrella
 Formosa brilhará!
 Este mar em que os olhos se me afogam,
 Um dia seccará!

O sol da minha vida, que vae alto,
 Seu giro hade suster!...
 Eu, que morta estou já para a ventura,
 Heide inda reviver!

Condemnem-me ao trabalho, a sacrificios,
 Que tudo cumprirei!
 Mas não amar a lyra!... Hymnos e crenças
 São-me a suprema lei!

Como ao teu nuto vem curvar-se humildes
Os povos e as nações,
Assim eu a teus pés, deponho em carmes
Singelas orações!

Estende sobre mim a tua dextra,
Protego-me Senhor!
N'estes brejos da terra onde presinto
Que morrerei de dor!

CREPUSCULOS

I

Desponta a aurora! as nuvens purpurinas
Tingindo vão o ceu! assoma o dia;
E astro-rei, o astro da alegria,
Já vae doirando o cimo das collinas.

Cruzam os ares aves palpitantes,
Buscando alegres, vida, espaço, amor!
Ergue a corolla a delicada flor,
Voejam borboletas doidejantes.

Desperta a naturcza, e, buliçosa,
Toda folga e sorri á nova luz!
Hora suave, que a nossa alma induz
A erguer-se a Deus em prece fervorosa!

Quem nunca viu raiar a madrugada,
 Nem repontar o radioso sol,
 Quem nunca viu as côres do arrebol,
 Ainda nada viu nem gozou nada!

II

São horas de saudades! O astro dos amores
 Seus ultimos fulgores expede e vae fugir!
 Aves, e borboletas, e.... tudo quanto existe
 Parece ficar triste, por vê-lo assim partir!

Crepusculo da tarde! Não sei que mago incanto;
 Não sei que tens de santo, que nos convida a orar!
 Vão repetindo os échos o som de *Avé-Marias*;
 Vêm doces harmonias nossa alma despertar!

A lúa beija os montes! miriades de estrellas
 Scintillantes e bellas, bordam o etherco véu!
 E a mente do poeta revoa nos espaços
 Da inspiração nos braços, por terra, mar e céu!

As auras perfumadas ao longe vão levando
 Esse queixume brando que a lyra então soltou.
 O triste que se curva ao peso da desdita
 N'esta hora bemdita sempre um remanso achou!

EVORA

Tu és, ó terra formosa,
A pérola do Alemtejo!
A ti me trouxe o desejo
De te ver, de te saudar!
De teus filhos e teus bravos
Eu sei ler em nossa historia
Feitos taes, que da memoria
Nunca se deve riscar!

Eu amei sempre saudosa
Essa tua magestade,
Porque foi em ti, cidade,
Que os primeiros passos dei;
Que doces reminiscencias,
E que suave consolo,
Pisando de novo o solo
Que pequenina pisei!

Tu és bella — da belleza
Que não tem sombras nem trevas!
Vaidosa porque te elevas
Nos raios do teu *Pharol!*
Segue-lhe attenta os exemplos
De progresso e liberdade,
E verás então, cidade,
Que te doira um novo sol!

Junho de 1861.

LAGRIMAS

Bem vindas, minhas lagrimas, bem vindas
Precisava de vos; tardaveis tanto!

CASTILHO.

Fatal destino á mulher,
Logo que no mundo entrou,
Um estigma atroz, maldito,
Na sua fronte marcou!

Se a tenra infante no berço
Começa meiga a sorrir,
À sua sina, mais tarde
Não pôde a triste fugir!

Às vezes chôra sorrindo,
Pois sorri por não chorar!
As angustias, os pezares
Ella procura occultar!

Lagrimas, aos infelizes,
São supremo, unico bem;
E só os maus desconhecem
O valor que o pranto tem.

Bem vindas sejam! nas faces
Sinto-as correr docemente!
Dôr que em pranto se dissolve
É menos viva e pungente!...

Até a virgem mais pura,
A Mãe de Christo, chorou;
E a triste herança do pranto
Ás suas filhas deixou!...

Eu quizera dar-lhe um beijo,
 Mas eu vejo
 Que podia despertal-a....
 Pois cuidado... não irei!
 E ficarei
 Em extasi a contemplal-a!

Que te fade boa fada
 Na alvorada
 Dos teus dias infantis;
 Que ella sempre por ti cele,
 Te revele
 O condão de ser feliz.

Mas se acaso, anjo divino,
 Teu destino
 Se parece com o meu....
 Se te reserva este mundo
 O profundo
 Martyrio que a mim me deu,

Então dorme sozegada,
 Reclinada,
 E sorrindo sempre assim;
 Inocente sobe aos céus,
 E ao bom Deus....
 Pede, bom anjo, pör mim!

A CRIANÇA ADORMECIDA

Brisas do ermo, suspirae-lhe endeixas,
Astros da noite, seu dormir velas! . .

SOARES DE PASSOS.

Como dorme sociegada!
Reclinada
Tem a fronte de marfim,
Suas faces tão mimosas
Como rosas
Têm um brilho de setim!

Seus cabellos annelados
São doirados;
Sua bôca é breve e linda;
E nos seus labios diviso
Um sorriso
Que mais bella a torna ainda.

PRIMAVERA

Vem ó dona das graças e flores,
Volve à terra teu mago e afor;
Aos quo fogem de amor gera amores,
Nos quo a amores se dão cria amor.

A. F. DE CASTILHO.

Eis que chega gentil e formosa,
Dando vida, prazer e calor!
Eis que chega c'roada de flores,
Inspirando sorrisos e amor!

Primavera! dos campos rainha
Volta emfim novamente a reinar!
Teu bafejo que as auras perfuma
Vem tristezas da mente riscar.

Tua vinda, o poeta a saúda
Com transportes de immensa alegria;
Porque em ti, primavera, descobre
Mil thesouros de infinda poesia!

.....
.....
Os teus dias formosos, ridentes,
De anno em anno sem falta virão,
E meus dias doirados de esp'râncias
Para sempre fugindo me vão!...

A minha alma, de ha muito abatida,
Já não sabe nem pôde gosar;
Porem quando outra vez nos deixares
Hade um triste suspiro soltar!

Primavera! bem vinda tu sejas,
Que dás vida, prazer e calor!
Vem! derrama na terra thesoiros
De poesia, de paz e de amor!

SOLIDÃO

Solidão! não foi de baldo
Que te vim pedir afagos;
Dás-me crenças, sonhos vagos
Em que a alma folga e espere.

G. CASTELLO BRANCO.

Eis de um lado a sociedade,
Mentira, lodo, vaidade,
E do outro a magestade
Que apresenta a solidão;
Alem obras grandiosas,
Soberbas, talvez formosas,
Maravilhas assombrosas
Da mais feliz invenção;

Mas aqui a natureza
Revestida de belleza,
Com tamanha singeleza
Que lhe realça o valor!
O verdejar d'este monte,
O murmúrio d'esta fonte,
Encantam-me, e curvo a fronte
Ao poder do Criador!

Lá, deserente, corrompido,
 Por baixo preço vendido,
 E da ambição possuido
 Se humilha o homem venal!...
 Vende a candida innocencia,
 Vende a fé, vende a clemencia,
 Vende a propria consciencia
 A trôco de vil metal!!!

Nos tremedacs arrastada
 É a virtude! pisada
 Pelos máus, e despresada
 Se no abysmo resvalou!
 O Judas que a afaga e beija,
 Mas que perdel-a deseja,
 Esconda-se, e não esteja
 A rir do mal que causou!...

Venho do mundo fugida
 Para ti, soidão querida,
 Que me das vigor á vida
 E socego ao coração!
 Longe de ti eu sentia
 Em dolorosa agonia,
 Morrer-me de dia em dia
 Mais uma cara illusão!

O QUE EU AMO

Amo-te, ó lua,
Se a face tua
Alem fluctua
Sempre formosa!
Oh! muito te amo!
Pois se te chamo,
Ao meu reclamo
Sorris bondosa!

Amo as estrellas,
Luzentes, bellas,
Têm todas ellas
Argentea cõr!
Uma Ave linda
Seduz-me ainda
Na sua infinda
Trova de amor!

São meus amores
As lindas flores
De varias cores,
Que abril nos deu!
Eu amo a fonte,
E o valle, e o monte,
Este horisonte
Que o sol rompeu!

ESTAÇÕES DA VIDA

Da vida a primavera é tão formosa,
É tão cheia de flores!...
O nome deve ter de esperançosa
Estação dos amores!

O estio é sempre intenso, sempre ardente;
Accendem-se as paixões,
Férvida irrompe a lava escandecente
Dos intimos vulcões!...

O outono quasi sempre vem roubar-nos
As illusões faguciras;
E sem dó, sem piedade, desfolhar-nos
Esp'ranças lisongeiras!...

Aponta-nos a campa a eternidade,
A ultima estação!
Desenganos nos traz, e a realidade
Nos gela o coração!

1851.

AMOR

Recuerdos de puro amor
Porque perturbais mi calma?
J. W. MUSNE.

Amor! palavra enganosa!
Linda visão que na vida
Nos apparece, cingida
De flores, de esp'rança e luz!
Tenho a descrença no peito,
Que o teu prestigio ha passado;
O teu sorriso encantado
Agora não me seduz!...

Aos que crêm nos teus incantos
Dás um padecer eterno!
Tu não és ceu, és inferno
Abrazando o coração!
Ai! em ti não ha delicias
Que não tenham seus martyrios.....
Muita dor, muitos delirios,
Muita loucura e paixão!

Nem sei porquê, levo horas
 Às vezes, em ti pensando....
 Tuas dores recordando,
 E de ventura os teus dias !
 Falsas promessas as tuas....
 Pois em tudo me enganaste....
 Em vez de glorias deixaste,
 Estas longas agoniaas!...

Olvidar te bem quizera,
 Mas não posso ! Quem conhece
 Teu poder, jamais te esquece
 Que a saudade o vem lembrar !
 Oh, não mais, não mais me voltes
 Meu pungento pensamento !
 A luz de um tal sofrimento
 Nunca eu mais veja brilhar !

O DESTERRADO

Desterrado da patria! sósinho!
Sem amigos, sem honra, sem pão!
Sem carinhos de esposa e de filhos,
Sem afectos de pae e de irmão!

Trabalhar! isso fiz, mas enfermo
Sem alento, sem forças, parcí;
«Tenho fome!» disseram meus filhos,
E a miseria rendeu-me.... roubei!...

Para o pobre que rouba o opulento
Marca a lei o desterro, o degredo;
Mas se o rico roubou a indigencia
Diz ainda: «Silencio! Segredo!»

Porem antes ao réu perdoar,
Do que ao triste inocente perder;
Se o Juiz dos juizes perdoa,
O que devem os homens fazer?

Eu não sou inocente, confesso-o,
Mas a fome.... que horrenda não é!....
Se ella chega a razão esmorece,
Não ha crenças, virtude, nem fé.

Não bastava este pranto vertido
Entre os ferros de horrivel prisão!
O desterro.... a saudade.... a vergonha....
E meus filhos sem pae e sem pão!...

GÓSA!

(A UMA AMIGA)

..... Ai de mim! um longo sonho
Minha existencia ha sido!...

GARRETT.

Não percas instantes
De ternas caricias!
Ai, gósa as delicias
Que a sorte te der!
Na idade ditosa
Que risos nos pede,
Nossa alma tem sêde
De goso e prazer!

Tambem eu,—que hei sido
Votada ao martyrio—
Sonhava em delirio
Venturas sem fim!

Depois uma nuvem
Surgia e toldava
A luz que eu mirava
Nos sonhos assim!

Agora aos prazeres
Já indiferente,
À quadra florente
Não posso voltar!...
Descreio de tudo
Que vejo sorrindo...
Meu pranto esparzindo,
Só sei lamentar!

Feliz tu mil vezes!
Mas tu, que assim vives,
Vê bem não captives
Tua alma!... Isso não!
Quem ha que no mundo
Mereça os anhelos
E os sonhos mais bellos
De um bom coração!

.....
.....

Tambem o meu peito
Votado ao martyrio,
Sonhára em delirio
Venturas assim!

Se hoje descuidada
Sorris aos encantos,
Não busques os prantos
Que eu tive por fim!

1860.

MANUELA REY

Voaste, alma innocent, alma querida,
Peste ver outro sol de luz mais pura,
Falsos bens d'esta vida que não dura
Trocaste pelos bens da eterna vida.

BOCAGE.

Ai como os annos fogem! como levam
Os dias de esperança e de ventura!
A artista sublimada, a actriz ardente
Está agora na fria sepultura!...

Como é triste morrer na juventude,
Na florida estação das illusões,
Quem levava um caminho todo rosas,
Quem tinha, como tu, tais ovações!

Alma pura e tão bella, alma querida
 Banhada já na luz da eternidade!
 Escuta os tristes sons da minha lyra,
 Vem ouvir o meu hymno de saudade.

Loira criança que presei devéras
 Ergue-te um pouco ahi no teu jazigo;
 Os mortos não me aterram, não me assustam
 Eu quero ver-te, e conversar contigo.

Ver-te como nos teus primeiros annos
 Errante, sem familia, e sem paiz;
 Ver-te como te vi depois mais longe
 Contente, victoriada, e já feliz!

Recordas como foi o nosso encontro?
 Eu era, como tu, criança ainda
 Quando ao seio me uniste, e quando os labios
 Pousei alegre em tua fronte linda.

E unidas nossas almas infantis
 Nos ficaram n'aquelle estreito amplexo.
 Eu já tinha o signal da desventura,
 Tu de gloria já tinhas o reflexo.

Depois tornei a ver-te, altiva e bella,
 Toda viço, talento, e seduções!

Com a tua voz suave e maviosa
Prendendo, captivando os corações!

Seguias triumphante sobre as c'rôas
Que a multidão ás plantas te arrojava;
Quem te visse tão leda e descuidosa
Não diria que o abysmo perto estava!

Feriu-nos a desdita nos oppostos
Caminhos, onde a gloria nos sorria:
Tu seguindo de Thalia a florea estrada,
Eu a senda espinhosa da poesia!...

Andorinha innocent que partiste
Em busca de uma eterna primavera!
Ai se eu fosse andorinha! se podesse
Voar como voaste... oh quem me dera!

Descança pois no teu escuro leito!
Anjo que estás no ceu, pede a Jesus
Que me encurte esta via-dolorosa...
Que eu possa, enfim, depôr a minha cruz!

Fevereiro de 1866.

SAUDADES DA INFÂNCIA

Eu perdi-te de todo,
Ó minha mocidade!
Apenas a saudade
Para sempre me ficou!
Da juventude o louco
Vivaz contentamento,
Por este meu tormento
Bem cedo se trocou!...

As angustias que fazem
Verter amargo pranto;
As mil dores que tanto
Nos enchem de agonia;
Achamol-as immensas
Sendo ellas tão pequenas!
Que a vida tem apenas
A duração de um dia!

A madrugada é bella,
 Nem ha coisa mais linda!
 Mas põe-se o sol, e finda
 Com elle esse prazer!...
 Infancia! estrella d'alva!
 O pura e meiga aurora,
 Por ti suspiro agora
 Sem que te possa ver!...

Depois quantas esp'rangas
 Nos cercam de venturas!
 Mas, ai quão pouco duras
 'Tempo das illusões!...
 Desfazem-se as imagens
 Risonhas, fugitivas,
 E só nos ficam vivas
 —Saudades e afflicções!...

Mais tarde a luz nos foge,
 As trevas vêm chegando;
 O dia vai findando,
 Começa a anoitecer!...
 Até que se aproxima
 A hora suspirada,
 Bemdita!... abençoada...
 Que é a hora de morrer!...

Estrella scintillante
 De luz, amor e vida!

Assim te vi perdida
Nas trevas do porvir!
N'esta soidão escura
De ti me lembro agora!
Mas luz de tal aurora
Não torna a relusir!...

Maio de 1869.

VIRTUDE

(A UMA AMIGA)

Donzella, tudo na vida
Vôa como o pensamento;
Depois do pranto vem risos,
Após do goso o tormento;

Só uma coisa no mundo
Não pôde o tempo roubar:
É a —virtude—, donzella,
Essa riqueza sem par!

Desapparecem thesoiros
Ao sôpro da desventura,
Mas existe sempre a alma
Que for virtuosa e pura.

Toma pois este conselho
Da tua amiga querida:
Procura sempre ser boa,
E terás ditosa vida.

E por fim, se o triste mundo
Algum martyrio te deu,
A palma d'esse martyrio
Irás colhel-a no ceu !

A MULHER

No triste agonisar que chamam vida,
Teu destino, mulher, é curtir dores
 Qual d'ellas mais cruel;
Tão cedo a mocidade vês perdida!
Dissipam-te illusões, murcham-te flores
 E dão-te amargo fel!

Sonhas um ser perfeito sem segundo,
Dá-lhe fórmas e vida a phantasia,
 E o teu ídolo adoras!
Não julgas que elle vem do lodo immundo,
Cáe a mascara... ri a hypocrisia,
 E tu que fazes?... Choras!

Não te humilhes, mulher, que tu és forte;
As virtudes e crenças da tua alma
Grandes, sublimes são!
Não adores a quem te offerta a morte,
Nem queira do martyrio a triste palma
Teu nobre coração!

1860.

JÁ NÃO!...

D'esse amor por ti quebrado,
D'esse amor nem eu já sei!
L. A. PALMEIRIM.

Amei-te muito! Que importa
Dizel-o agora, se morta
É a chamma que senti?...
Sendo tu que a inspiraste,
Foste tu que a apagaste...
Podes ver quanto eu soffri!...

Mas já não soffro; se ainda
A essa loucura finda
Alguma lembrança dou,
É benidizando o destino
Que ao errante peregrino
Melhor caminho apontou!...

Saudades, que tive outr'ora,
Murcharam todas; agora
Jazem desfeitas em pó!...
Bem sabes que nunca minto;
Pois olha que por ti sinto...
Odio não! desprezo só!...

Sentir odio era mesquinho!
Segue pois o teu caminho,
Segue-o, triste, até ao fim;
Tel-o-has amargurado...
Mas, feliz, ou desgraçado,
Não te recordes de mim!

O NAUFRAGIO

Torvo o oceano vac! Qual dobre séa
Frager da tempestade;
Psalmo da mortos, que retumba ao longe
Grito da eternidade!

A. HERCULANO.

I

Vac alta a noite; lá dos horisontes
A tempestade para nós desceu;
De negras sombras se reveste a terra,
De negras nuvens se reveste o céu.

Ruge a procella com furor enorme;
A chuva inunda de frieza o solo;
O vento quebra os pinheiraes da serra,
Cruzam-se os raios d'um e d'outro polo.

Nos altos mares um baixel se agita,
 E ás ondas serve de joguete agora!
 Quem vae abordo de terror se inclina,
 De Deus bondoso a protecção implora.

II

O trovão medonho e rouco,
 Já perto, bem perto sôa!
 Vão as ondas alterosas
 Invadindo-o pela prôa!

Com o leme já quebrado,
 Sem rumo, sem guia e norte,
 Vacilla o pobre navio
 Apressado pela morte!

N'aquella scena de angustias
 Reinou silencio profundo;
 Faltava a todos coragem
 De dizer adeus ao mundo!

O formoso baixel, ha pouco altivo,
 Nas aguas se escondeu!
 Do ultimo naufragado o extremo esforço:
 Depois... só mar e céu!...

.....

III

N'aquelle mesmo instante uma outra scena
 Tocante, se passava;
 Uma joven mulher em pobre casa
 Devotamente orava.

Tres filhinhos a cercam; que innocentes,
 Que lindos elles são!
 Com que graça infantil elles repetem
 A materna oração!

A prece da innocencia é prece santa
 Que Deus devia ouvir;
 E os rogos d'uma mãe attribulada
 Ao ceu deviam ir.

Mas ah, não foram! orações e supplicas
 O Eterno não ouviu!
 Aquelle por quem tanto lhe pediam
 Ao longe succumbiu...

Deitemo-nos, meus filhos—diz a triste—
 Bem alta a noite vae!»
 Veio a manhã! nem ella tinha esposo,
 Nem elles tinham pae!...

DIAS SEM SOL

Um dia outra quadra mais bella e mais pura
Vira de boninas ornar os vergeis;
Mas vós, o meus tempos d'amor e ventura,
Sois findos p'ra sempre, jamais voltareis.

SOARES DE PASSOS.

É chegado enfim o inverno !
Murcham as flores nos prados,
As áves doces trinados
Não se atrevem a soltar;
Não se divisa n'uma estrella
A noite no firmamento !
Nem de dia um só momento
O sol nos vem visitar !

O arvoredo sem folhagem
Infunde n'alma a tristeza...
Como é feia a natureza
Que tão bella nos sorria !

Ei!-o commosco!... Um inverno
Frio, triste e solitario!
Involto no seu sudario
De törva melancolia!

Porem a terra bem cedo
Revestirá seus verdores,
Ha de ter vida e amores
Lá quando o inverno a deixar;
Mas o frio permanente
Que me regéla este peito...
Não será nunca desfeito
Ha de eterno aqui ficar!....

SONHO OU VERDADE?...

Morre um affecto, outro nasce,
Passa um desejo, outro vem;
Depois de um sonho outro sonho,
De tantos que a vida tem.

J. de Lemos.

Julgava, coração, que se morrias
Pouco a pouco na dor, no desalento,
Nunca mais palpitavas, nem podias
De novo reviver !
Enganei-me ! durante a mocidade,
Do proprio amor que mata a fogo lento
Deve um outro surgir, pois de saudade
Não se pôde morrer !

Não mata a saudade !... Eu hei soffrido
Como jamais ninguem soffreu em vida !
Que magoas e desgostos hei curtido
Em triste solidão !...

Nem sei como no fim de tantas dores
Posso o mundo achar bom, ser-me querida
A pesada existencia, e outros amores
Sentir no coração !

E sinto ! e amo ! e creio ! Alegre aurora
Desfaz a negra nuvem que a existencia
Tão triste me tornou !... e penso agora
Que não hade volver.
Acaso será sonho esta ventura ?...
Não importa ! bemdigo a Providencia
Que após escuros dias de amargura
Me fez amar e crer !

Junho de 1861.

O ENGEITADO

Engeitado! Na fronte esculpida
Esta horrivel palavra ficou!
Oh! mal haja a mulher criminosa
Que seu filho inocente engeitou!

Quando as áves protegem a prole,
Quando as feras aos seus têm amor,
Ha mulheres, ha mães deshumanas
Que os apartam de si, sem horror!

Engeitado!... Se ha nada mais triste!...
Não ter patria; familia não ter!
Desde o berço à jazida funérea
Andar só! viver só!... só, morrer!

Quem lhe importa que o pobre engeitado
Solte em queixas a tremula voz?
Vegetar da opulencia entre as flores
Como planta maldita!.... É atroz!...

Quem é elle? Seus paes? o seu berço?
«É um fructo do crime, talvez!...»
São palavras que na alma lhe instillam
As agruras do fel muita vez!

Engoitado! Na fronte esculpida
Esta horrivel palavra ficou!
Oh! mal haja a mulher criminosa
Que seu filho inocente engeitou!

DESDITA

Tu és, ó minha alma,
Qual planta nascida
N'um ermo, soffrendo
Do tempo o rigor;
Ou áve, n'um clima
De gêlo, perdida,
Que adeja de balde
Buscando o calor !

Bem vés que este mundo
Não é qual sonhaste
Um éden de encantos,
Banhado de luz;

Outr'alma sincera
Jamais encontraste
Que entenda a poesia
Que jorras a flux !

Não creias que exista
Ventura na vida ;
Ventura suprema
Só ha junto a Deus !
Qual planta, ou qual áve,
Se vives perdida
Procura outro clima
Mais perto dos céus ! . . .

CHORAS?....

(A J.)

Ha coisas na vida p'ra nos tão penosas
Que só nos esquecem depois de chorar.

L. A. PALMEIRIN.

Que tens? porque choras? meu anjo, tu soffres?
Quem vem a tua alma de dor enluctar?...
Serão as saudades da infancia perdida
Que fazem teus olhos de pranto turbar?

Ou são das esp'rancas que outr'ora viçosas
Comtigo crescam, rosinha em botão?
Sem crenças na vida! sem fé na virtude,
Já choras a morte do teu coração!

Já dores o mundo, donzella, te deu !
 Bem cedo tu pagas tributo ao viver !
 Esconde o teu pranto, que o mundo o não veja,
 Que pôde alegrar-se por vêr-te soffrer !

Talvez alguem diga: «donzella não chores !»
 Mas eu digo: chôra, que o pranto allivia;
 É triste mas unico allivio nas magoas,
 É santo remedio da muita agonia.

Ai, chôra sósinha; verás que te sentes
 Com mais desafogo, mais livre e melhor.
 Vejo que padeces ! Eu amo os que soffrem;
 Por isso que eu soffro respeito essa dor.

Mas triste d'aquella que quer e não pôde
 As dores que sente, no pranto afogar.
 Ou sejam saudades ou falta de esp'râncias,
 O pranto consóla, faz bem o chorar !

POESIA E MULHER

Celeste dem da poesia,
Joia sem preço, calcada
Aos pés da turba, que insulta
As desventuras do genio.

G. CASTELLO BRANCO.

Porque me vens tu archanjo da poesia,
Com teu éstro de brilho scintillante,
Com fogo divinal que a fronte queima,
Esta alma extasiar?!

Eu sinto-me inspirada!... mas o mundo
Maldiz os sons da lyra, affronta o genio
Que procura elevar-se, em azas de oiro,
A cima do vulgar!

Com loucos preconceitos ouve os hymnos,
—Hymnos que não conhece e não entende;—
Vozes d'alma sinceras que condenma
Por não as comprehender!

E mais as escarnece quando sabe
 Que vêm d'uma mulher os sons que escuta!
 À victima inocente nem lhe é dado
 Prantos deixar correr!

Só pôde ser feliz, ou ser querida,
 A mulher que em salões pompeia galas,
 Os gestos, a maneira, e em mil requebros
 Sorri-se ternamente!
 Que em vasto coração, se o tem acaso,
 A muitos pretendentes presta asylo...
 E o falso amor que se desata em risos,
 Reparte largamente!

Mas se odeia a vaidade mentirosa,
 Mira outra luz, tem outra senda aberta:
 Precisa d'outro amor, quer outro brilho
 Que não ha nos salões!
 Ama a luz radiante do talento,
 Idolatra a poesia, abraça a lyra,
 E sonha melhor mundo, embora este
 Lhe roube as illusões!...

Poesia! se dás gloria eu não a góso;
 Se dás palmas a quem a vida enturvas,
 São ellas tão exigüas que não chegam
 A mim pobre mulher!

Que importa!... Se não cingo verdes louros
Nem possuo os trophcus que dás a custo,
Canticos são riqueza de minha alma,
Nem outra gloria quer.

Eu sinto-me enlevada quando penso
Em ti, meu terno amor, meu doce encanto.
O mundo que me veja e tenha zelos
D'esta funda paixão!
Seus risos insensatos não me affligem;
Mas se elle me partisse a pobre lyra...
Ai de mim!... tambem elle aniquilava
Meu triste coração!

SUSPIROS

Eu procuro-te á noite quando a lúa
Com terno beijo empallidece as rosas;
E nas praias do mar que nos separa
Vão nossas almas suspirar saudosas.

GOMES D'AMORIM.

Se o pensamento, a revoar saudoso,
Vai em procura de estações mais bellas,
Mais triste fica, a alimentar saudades,
Sem poder nunca separar-se d'ellas!

Ouve, não fujas! Estes meus gemidos
Por ti os solto!... não no saiba o mundo!
Só tu conheces do meu pranto a causa,
E a historia triste d'um penar tão fundo!...

Só tu!... A estranhos não confio as dores
 Dilacerantes, que me cortam a alma
 Acolhe-as!... guarda-as!... Do teu peito amante
 Dá-me a ventura, restitue-me a calma!

Debalde clamô!... uma distancia enorme
 De mim te afasta... não te deixa ouvir-me!
 Ai! tu partindo-me levaste a vida...
 E não regressas! e não vens sorrir-me!

Não podes!... Creio! Se fatal destino
 Para tão longe te levou assim,
 Jamais te esqueçam nossos dias bellos
 E nunca olvides este amor sem fim!

LEMBRA-TE

(NO ALBUM D'UMA LISBONENSE)

De saudades e desejos
Os meus cantos so componho,
Se algumas horas me riem
São curtas horas d'um sonho.

A. F. DE CASTILHO.

Quando os teus labios sorrirem
Aos afagos da ventura,
Albergando na alma pura
Um vivaz contentamento,
Neste cantinho da terra
Ao mesmo tempo padeço!
Nessa hora... aqui t'o peço,
Envia-me um pensamento!

Quando as sombras da tristeza
Toldarem teu bello rosto,
Quando uma dor, um desgosto
Banhar teus olhos de pranto,
Comparando-te a mim, hasde
Julgar-te ainda ditosa...
Recorda-te então saudosa
Da amiga que soffre tanto.

Agora parte! Em Lisboa
Tambem todos te desejam;
Mas que estes dias nos sejam
De grata recordação!
Aqui levas o meu nome
Neste livrinho doirado;
E o teu m'o deixas gravado
No fundo do coração!

Setembro de 1868.

CAMÕES

(EM 9 DE OUTUBRO DE 1867)

Pagou-se emsím a dívida sagrada,
Alcaram-se os tropheus.
Foram hoje tres seculos curvar-se
Aos pés do semi-deus.

E. VIDAL.

Bem hajas Portugal ! Podes agora altivo
Erguer a illustre fronte, entre as demais nações !
Ninguem dirá que tu, minha querida patria,
Olvidas teu cantor, esqueces teu Camões !

Se nuvens de desgraça, aos astros esplendentes,
Offuscam toda a luz, matando-nos a fé,
Apenas foge a treva, eil-as no céo de novo
Sorrindo ao vendaval que lhes rugira ao pé !

Assim, ao vate eximio, os males não poderam
Marcar o resplendor, toldar a immensa luz!
E martyr, e poeta, ás magoas resignado;
O genio deu-lhe a lyra, o mundo deu-lhe a cruz!

Em tempos que lá vão, antigos portuguezes
Tinham mostrado ao mundo os vultos colossaes!
Mas involvel-os-ia o pó do esquecimento,
Se os cantos de Camões não fossem immortaes!

Bem hajas Portugal! Pódes agora altivo
Erguer a illustre fronte a par das mais nações!
O bronze atesta agora a tua immensa gloria;
Es grande ó patria minha, honrando o teu Camões!

ADEUS

A. F. M. BUGALHO

Na vespresa da sua partida para a Madeira.

Patria, patria! como nós te
idolatramos! como sentimos que
nos és cara ao vêr que o navio
nos leva ligeiramente para longe de ti!

A. de LEMBRANÇAS PARA 1870.

Ligeiro baixel sulcando
As brancas ondas do mar,
Para longe d'estas praias
Te vac cedo arrebatar.

Quando fugir aos teus olhos
Esta formosa cidade
Sentirás no fundo d'alma
A mais pungente saudade.

É grande, immensa a tristeza
 —Nem ha outra igual na vida—
 Que se padece ao deixarmos
 A nossa patria querida...

Patria, patria! Quem não ama
 A terra aonde nasceu?...
 Quem de scus paes extremosos
 Uma só vez se esqueceu?

Mas agora não pertences
 Á familia:—és da nação!
 Quando à voz do *dever* chama
 Emmuderce o coração!

Parte, vac, que talvez breve
 Voltardás a ver os teus;
 D'elles te lembra na ausencia
 Quando leres este *adeus*!

Dezembro de 1869

NÃO QUEIRAS!

NO ALBUM DE M.^{elle} A. CARON

Bem jovem inda, ao começo da vida,
E já meu coração de magoas fonte!
Na idade em que o prazer sorri aos outros
C'róa de espinhos me ulcerou a fronte!

GOMES D'ANORIM.

Porque descjas no teu livro íntimo
Um écco de tristeza e de amargura,
Quando tudo em redor de ti são galas
Que falam de ventura?!

Tu creança ditosa, só vês flores
Que exhalam os arômas lá do empyreio;
Eu, em volta de mim diviso apenas
As sombras do martyrio!

Quando em roda de mim os olhos lanço
 Diviso tudo invôlto em véos de luto!
 O lindo ceu da minha mocidade
 Ha muito está occulto!

Foi Deus que assim o quiz! Luctar quem pode
 Contra a força maior do seu destino?...
 Cumprâ-se pois! que eu humilde me resigno
 Ao seu poder divino.

Mas não quero levar aos teus sorrisos
 Uma só d'estas lagrimas tão tristes!
 Nem quero que os lamentos da desdita
 Cheguem onde tu existes!

Da juventude góza os mil encantos
 —Vegetar como eu jamais foi vida!...—
 Sê alegre e feliz, e nunca sintas
 A tua alma abatida!

Outubro de 1868.

ESPERANÇA

É a esp'rança, doce aurora,
Meigo presente do céu;
Só no mundo é desgraçado
Quem já de todo a perdeu.
A. X. R. CORDEIRO.

Írmã gemea da fé, meiga esperança !
Ambas filhas do céu, ambas divinas !
Consolam, dão alento ao desgraçado
Dizendo-lhe:—mortal, não desanimes !
Melhor sorte te aguarda; crê e espera !—
Esperar, desde o berço até à campa !
O conforto d'aquelle divindade
Os martyrios e angustias faz menores.
Caminhar, tendo sempre os olhos fitos
N'esse bello farol que só se extingue
No alento derradeiro da existencia !

Esperança! sem teu piedoso auxilio
Quem podia levar a cruz que a todos
Mais ou menos pezada cabe em sorte!..
Se a senda que trilhamos fosse apenas
De alegrias e flores esmaltada,
E se magoas crueis nos não viessem
Em pedaços fazer as fibras da alma,
Onde estava da fé a santidade?
Da esperança o poder aonde estava?!

São as mil provações, os mil revezes
Amargo fructo da arvore da vida,
O crisol em que a alma se depura;
E quem na terra soffre humildemente
Exaltado será na eternidade!

Junho de 1868.

AMISADE

(NA DESPEDIDA DE G. T.)

Noble fille du ciel, amitié, pure flamme!
FLAUGERGUES.

Amisade! mil vezes bemdito
Teu celeste, divino condão!
Quando pura, leal, verdadeira,
És na terra a mais santa união.

Desgraçado só é quem não sabe
Os thesoiros que tens para dar;
São riquezas que o mundo não paga,
E bem raras, custosas de achar!

Ai d'aquelle que errante as procura
 Sem jamais as poder descobrir...
 Solitario divaga na terra
 Sem que uns labios lhe venham sorrir,

Ai de um peito que anseia outro peito
 Que lhe queira, e que o saiba entender!
 Existir sempre estranho aos affectos,
 Oh, mais vale... mais vale morrer!

• Dos celestes jardins desprendida
 Foste, ó flor de perfume divino!
 Só de ti pôde vir a ventura,
 E a ti hoje consagro o meu hymno,

Tu virás recordar-me na ausencia
 As saudosas lembranças de alguém
 Que talvez por mim chore, e os meus olhos
 Sentirei orvalhados tambem!

Doce alliyio das almas que soffrem,
 Tens encantos suaves, só teus!
 Se teu pranto me diz *amisade*,
Amisade traduz este adeus.

ANJO CAIDO

Hontem viste, anjo caido,
Rendido o mundo por ti...
Hoje, depois que te abraça,
Perpassa... mira-te... e ri.
D. C. S. DE FRIAS.

Que triste foi teu destino!
Os teus mais caros anhelos,
Teus sonhos puros e bellos,
Onde estão? quem t'os desfez?
Dize ao mundo, anjo caido,
Que do teu rosto a belleza,
E da tua alma a pureza
Te devolva elle outra vez!

Não pôde? Pois não te importe
 Ser por elle condemnada,
 E não seres perdoada
 Por quem o mal te causou;
 Disse Deus á Magdalena,
 Que todos os seus peccados
 Lhe seriam perdoados
 Por isso que muito amou!

Vê: aquella peccadora
 Caida por um instante,
 Santa, feliz, radiante
 Á voz de Christo se ergueu!
 Darrama tu esse pranto
 Que uma grande dor exprime,
 Imita o exemplo sublime
 Que a Magdalena te deu!

E sentirás na tua alma
 Nova alegria e doçura
 Quando tornar a ventura
 De novo ao teu coração!
 Quem do crime cão no abysmo,
 Tenha fé, tenha esperança,
 Que eterna luz de bonança
 Lhe manda um Deus de perdão!

DESALENTO

À MEMORIA DE M. J. L. R.

Quem morre é mais feliz!... Ai do que vive
Entregue á negra dor, dado ao martyrio
Sem mais esperança ter!

J. d'ABOIM.

Alma dal ciel descesa e al ciel tornata.
A. FRONDONI.

Embora muitos com receio á morte,
Outros embora com amor á terra,
Venham na campa que teu corpo encerra
Sentido pranto junto á cruz verter!
Eu não! eu creio que feliz é sempre
Quem deixa a vida que nos dá só dores,
Fugindo ao mundo que só tem horrores,
Para em delicias eternas viver!

Eras do ceu, e para o ceu voltaste,
 Ó alma pura, angelical, querida!
 Do muito que ella padeceu na vida
 O premio agora recebido tem!
 Mais algum tempo de forçado exilio
 N'este desterro d'onde tu partiste...
 Que se me vejo solitaria e triste
 Qual tu ditosa eu hei de ser tambem!

Se o mundo olhamos por um véo de lagrimas
 Que negro o vêmos atravez dos prantos!
 É feio, horrendo, sem nenhuns encantos...
 Pois só ha penas no viver d'aqui!...
 O desalento minha fronte acurva...
 O desalento! que tão cedo veio!...
 Qual setta aguda me trespassa o seio
 Aonde outr'ora tanto amor senti!

N'essa morada quo tu hoje habitas,
 Tambem um dia, de soffrer cançada,
 De todo inerte, sem vigor, gelada,
 Descanço eterno gozarei por fim!...
 Que importa áquelle que sorrindo passam;
 As frias cinzas que uma campa encerra?...
 Quando o meu corpo se cobrir de terra
 Ninguem, de certo, chorará por mim!

NÃO CHORES!

A MORTE DE UM INNOCENTE

Não chores, ó mãe saudosa
Pelo filho que morreu!
Que se tu choras na terra
Cantam os anjos no céu!

Não chores, que n'este mundo
Só ha urzes, só ha dores;
E teu filho vive agora
N'um jardim de eternas flores!

Chora, mas junto do berço
D'aquelle que te ficou,
Porque Deus o ha esquecido
Quando na terra o deixou!

É feliz quem parte os clos
D'esta vida, sem saudade,
E nas azas dos archangos
Busca a paz da eternidade!

Venturosa eu assim fôra
Morrendo tambem criança!
Não soffrera tantas magoas...
Não perdera tanta esp'rança!...

Não chores, ô mãe saudosa,
Por teu filho que morreu!
Enquanto choras na terra
Cantain os anjos no ceu!

COQUETTE

O temor de traições, de prejurios
Cabe áquellas que os fazem tambem,
Que a mulher que agradar tenta a todos
Amor puro não colhe a ninguem!

J. A. Pinto.

Mulher! porque vaes tu passando altaiva
Por entre as multidões?
Porque vem teu olhar e teu sorriso
Prender os corações?

Porque és bella! E vaidosa da bellesa
Que a sorte te doou,
Não te lembras sequer que mil formosas
O tempo aniquilou!

Formosura! reinado passageiro,
 Que dura um dia só...
 Se não tens mais do que esse valimento,
 Mulher, causas-me dó!...

No carro triumphante em que caminhas
 Voltejam os amores!
 Es feliz porque vês augmentar sempre
 Os teus adoradores!...

E não sabes que os elos com que os prendes
 São faceis de quebrar...
 Quando os annos roubarem teus encantos
 Quem é que te ha de amar?

Ai! ninguem! solitaria, abandonada
 Bem cedo te verás...
 Então sim, pelo tempo em que reinavas
 De certo chorarás!...

Oh! procura em mais solidos cimentos
 Firmar o teu poder;
 A mulher que for boa e sem vaidade,
 Não teme envelhecer!

CASTILHO

Eu, por mim... sempre està fronte
Curvo, à luz que no horizonte
Da minha patria rompeu.

CANDIDO DE FIGUEIREDO.

És grande! és immortal! Nunca se extingue
A chamma que deslumbra as multidões!
O prestigio do genio é dom celeste,
Que inspira enthusiasmo e adorações!

Não se offusca jamais a nivea estrella
Que na fronte inspirada te reluz!
Coroado de louros e em triumpho
A gloria ao Capitolio te conduz!

Es cego!... mas que importa? Os olhos d'alma
Abrangem terra e mar em derredor!
Ninguem sabe pintar a natureza
Com mais finos pinceis, mais linda côr!

Assombras e não vês!... Velou teus olhos
Quem o genio imortal te concedeu?
E se d'um grande bem te priva, embora!
Maior, muito maior outro te deu!

Na fama do teu nome eterno fica
Estimulo a vindoiras gerações!
Es aguia, rasga o vôo audacioso,
E transpõe as ethereas regiões!

NO ALBUM DO SR. J. A. ROCHA

Andar sempre mendigando
—Pobre livro!—é teu destino
E vens, por fado mofino,
À minha porta bater!
Sou tambem pobre, e com pouco
Poderei favorecer-te,
Mas não me atrevo a dizer-te:
D'esta vez não pôde ser!

Não direi, que taes palavras
Não attestam caridade!
Serás, por tua humildade,
Attendido d'esta vez!

Sonhando-te mil riquezas
 Teu dono cá te mandará!
 E em vendo que se enganará
 Rejeita a esmola, talvez!

Tem razão!... Mas que remedio
 Ha para o mal que está feito?...
 Escrever sem tom nem geito
 Foi sempre costume meu!...
 Não te faço confidente
 De tristezas e de magoas,
 Sinta embora aqui as fragoas
 Que a desventura accendeu!

Ai pobre livro! que pena
 Ter de deixar-te tão cedo!
 E forçoso, tenho medo
 De carpir a meu pesar!
 Acceita o que posso dar-te:
 Linhas são, não serão versos;
 Mas embora sons dispersos,
 Com elles volve ao teu lar!

INVOCAÇÃO

Balsamo santo, poesia,
Irmã da nobre agonia,
Eterno incenso do céu.
C. Castello BRANCO.

Oh, vem poesia! teu influxo santo
Faca os milagres que por vezes faz!
Que só tu podes, com teu mago encanto,
Dar-me momentos de conforto e paz!

Só por momentos eu te sinto e vejo!
Depois... as trevas em redor de mim!
Não mais me fujas! divagar desejo
Nas tuas bellas regiões sem fim!

Oh, minha lyra, que eu jamais escute
 Os éccos tristes de um adeus final !
 Faze que ainda eu de prazer exalte,
 E olvide os golpes d'uma dor fatal !

Não é teu fogo,—que dá luz e vida—
 A falsa chamma d'um mentido amor,
 Lyra adorada, inspiração querida,
 Sem vós morria de tristeza e dôr !

Alma cançada, coração já morto,
 Eis o que sinto no verdor dos annos !
 Visão celeste, que me dás conforto,
 Vem segredar-me divinas arcanos !

Sei que aos poetas predilectos teus
 Concedes louros de eternal verdor;
 Brilhante estrella que reluz sem veus,
 Gloriosa fama, suspirado amor.

Mas isto é muito ! Não desejo tanto,
 Nem tenho inveja do que dás aos mais.
 Basta que adoces meu amargo pranto,
 As minhas magoas, os meus fundos aís !

É só tu podes dissipar ainda
As densas trevas que me pesam na alma!...
Oh, vem, poesia deslumbrante e linda,
Que um teu sorriso minha dor acalma!

Agosto de 1866

DOR INTIMA

A luz da minha fé sumiu-se, é morta;
A luz do meu amor... Ai! tudo foge.
Só esta dor não passa!
J. SImões DIAS.

Ai! tudo cança e acaba! o teu affecto
Que tão ardente cri, vae-se extinguindo,
E findará talvez!...
No teu peito, de amor e luz repleto,
Um vácuo existe!... O nosso céu tão lindo
Já nuvens tem, não vês?...

São nuvens precursoras da tormenta,
Que não tarda, cruel, assustadora,
Pois já se enturva o sol!

Presinto-a de antemão, e me atormenta,
Que não vejo uma estrella salvadora,
Nem salvador farol!

Bem presto vi fugir minha ventura!
As crenças que nutrira e amara tanto,
Não voltarão jamais!
E tu indiferente!... Esta amargura
Não conheces! Não vês este meu pranto,
Nem ouves os meus ais!...

Vou perdoar-te!... bem sei!... Recebo agora
A c'rôa do martyrio!... Novo espinho
Mevara o coração!...
É immensa esta dor!... mas ai!... Embora!
Se um dia eu te encontrar no meu caminho
Talvez tenhas perdão!...

Sim! hei de perdoar-te! Hei de olvidar-me
Que me lançaste ás chamas d'este inferno,
Podendo abrir-me o ceu!
A serpe do remorso ha de vingar-me!...
E qual o meu soffrer—perenne, eterno,
Sera o soffrer teu!...

Novembro de 18...

ABRIL

À MINHA AMIGA D. EMILIANA VINHAS

Abrial! quando elle chega
Tudo nos diz—amor!—
Foi n'este mez florido
Que tu naseeste, flor!

E pendes, e vacillas
Na jarra delicada,
Curvando a linda coma
Das auras bafejada!

Um anjo bom te livre
Dos fortes vendavaes,
Que semeiam ruinas
Por entre prantos e ais...

D'aquelles que por terra
 Ha muito me hão prostrado,
 E as rosas da ventura
 Me têem aniquilado !

Nas sombras da tristeza
 Em que me vejo agora,
 È tudo solitario...
 Não ha luz salvadora !

Mas quando ao ceu levanto
 Os olhos magoados,
 Lá vejo a luz que Deus
 Aponta aos desgraçados !

Nem sei que estranho jubilo
 Me inunda o coração
 Se fito olhar ancioso
 Na etherea vastidão !

Os elos com que a alma
 Ligada ao corpo está,
 Um dia (talvez breve)
 A morte quebrará.

Então já sôlta e livre
 De tanta angustia e dôr,

Ha de subir radiante
Ao throno do Senhor!

Bem-dita a luz da fé
Que Deus á terra envia,
E que entre tanto abysmo
Meus debeis passos guia!

Bem sabes os abrolhos
Que achei no meu caminho...
Apenas um se quebra
Renasce um outro espinho!

Bem sabes quantas lagrimas
Tenho chorado aqui!
De tão cruel destino
Deus te defenda a ti.

Que nunca venham nuvens
Toldar-te o ceu d'anil,
Mudando em triste inverno
O teu festivo abril!

Mas ai! se com o tempo,
No decorrer da vida,
As magoas que ora soffro
Soffreres tu, querida,

Não busques cá na terra
Allivio aos males teus;
Aqui são tudo trevas...
A luz só vem de Deus !

Abril de 1869.

REGRESSASTE!

Ai, de ti que saudades que eu tinha
Ai, de ti que saudades, meu Deus!
A. E. VIDAL.

Tu perguntas se tive saudades
De quem amo ainda mais do que a vida!
Pôde acaso tornar-se esquecida
Quem adora sem termo, sem fim?
Não de certo! que o amor verdadeiro
Às distâncias e ausências resiste;
Por mais longe que viva, e mais triste
Mais vigóra, mas cresce inda assim!

Muitas vezes eu fui, solitária,
 Tendo em pranto banhado o meu rosto,
 Divagar, consternada, ao sol posto,
 Pelas tristes montanhas d'alem !
 Quando a lua surgia formosa,
 Eu á lua por ti perguntava,
 E ás estrellas do ceu supplicava
 Que de ti me fallassem tainbem!..

Mas agora que emfim regressaste,
 E eu te vejo de novo a meu lado,
 Esqueçamos o triste passado
 Que me fez tantas magoas sentir !
 Se uma nuvem toldou por momentos
 O ceu puro da nossa ventura,
 Novo astro de esp'rança fulgura
 Indicando um risonho porvir !

Regressaste ! Não vês como tudo
 Que nos cerca, de galas se veste ?
 Tudo brilha ! no manto celeste
 Esse azul tem mais vívida cõr !
 É que a terra, as estrellas, e os mares,
 E esses campos que á lua verdejam,
 Como eu tua vinda festejam
 E parecem falar-nos de amor !

ILLUSÕES PERDIDAS

NO DIA DOS MEUS ANNOS

«Minha triste mocidade,
Que entre a dor e a saudade
Assim me vaes a fugir!»

Pungente e dolorosa és tu, saudade
Dos fugitivos dias que lá vão!...
Doiradas illusões, risonhas crenças,
Prazeres infantis, aonde estão?...

Quem trilha sem espinhos e sem dores
A senda tortuosa d'esta vida?...
Quem não viu dissipar-se ou extinguir-se
Das suas illusões a mais querida?...

Agora n'este marco me recôsto
Cançada de chorar e de soffrer!
D'aqui vejo o caminho percorrido,
E penso no que tenho inda a vencer.

Eu d'esta vida o fim anciosa espero,
Qual nauta que suspira por bonança!
Agitado ou tranquillo... nada importa!
Que está longe d'aqui a minha esp'rança!..

11 de maio de 1865.

IZABEL II

Oh fugacità del tempo!
Oh mobilità perpetua delle cosi!
S. PELLICO.

Eis o que vale, o que dura
Na terra a grandeza humana!
Inda ha pouco soberana,
Agora aviltada e só!
Respeitavam-te, princeza,
O poder dos teus soldados,
Tinhas vassallos prostrados
Tão humildes como o pó.

Porque foi que assim perdeste
Tudo, como por encanto? !
Teu sceptro, teu regio manto,
Dize, rainha, onde estão?

Da tua cabeça altiva
 A c'rôa foi arrancada,
 E tu, proscripta, odiada,
 Nem inspiras compaixão !

Dize um adeus bem saudoso
 Ao esplendor que perdeste;
 N'essa altura onde estiveste
 Não te tornarás a ver!...
 Não podem aguias da França
 —Com todo o desejo d'ella,—
 Nem os leões de Castella
 Teu throno de novo erguer!...

Não podem, não! Dos monarchas
 Só a clemencia é esteio,
 Tendo um throno em cada seio,
 Um filho em cada vassallo!
 Tão sincero e ardente preito
 Nunca mereccoste, beni sei;
 Para que o povo ame o rei
 Deve o rei tambem amal-o.

Que tristes foram, rainha,
 Os dias do teu reinado!
 Quanto sangue derramado!
 Quanta viuvez e orphandade!

É tu, sendo esposa e mãe,
 Não tremias, não choravas,
 Quando sem dó assignavas
 Sentenças de iniquidade!!..

Mas depois de mil esforços,
 Os corajosos, os bravos
 Deixaram de ser escravos
 Sacudindo a tyrannia!
 Veio a luz da nova idéa
 Que o povo anima e desperta,
 Apontar-lhe a senda aberta
 De fortuna e d'alegria!

Lança ahi do teu exilio
 Um olhar á patria Hespanha:
 Vê que ventura tamanha
 Por lá vae, que doces bens!
 Ao calor da liberdade
 Ella resurge contente!
 Já não teme, já não sente
 Teus odios e teus desdens!

A ORPHA

.....tan joven y ya tan desgraciada.
ESPRONCEDA.

Alem, no cemiterio as sombras descem,
E espalha a lua seu estranho alvor!
Os mortos... dormem! não acordam... Vamos!
Entremos sem pavor!

Ali, no angulo mais triste e escuro,
Um vulto de mulher agora vi;
Não sei quem ella seja; sei que chora,
Chora... que eu bem senti!

Acheguemos um pouco!... É uma orphâ!
 Vem prantear a morte de scus paes.
 Bemrita devoçao! Veio sósinha
 Desafogar seus ais!

Abandonada e só!... Vive no mundo
 Sem afagos, sem guia, e sem calor!
 Na fronte juvenil não sente os beijos
 Do maternal amor!

Quando a mãe lhe morreu, atroz martyrio
 Sentiu no coração, que se partia!...
 Ai triste! sem saber quantos mysterios
 Ha na extrema agonia!

Ter mãe é desfrutar almas delicias
 Do ceu, que só o ceu as tem assim!
 Rejubilar d'amor, sentir encantos
 E venturas sem fim!

Por isto chora a orphâ desditosa,
 E vem aqui prostrar-se aos pés da cruz!
 N'esta sublime prece, sôbe, exalta-se
 Ao throno de Jesus!

CARIDADE

(Poesia offerecida aos bemfeiteiros do asylo
de infancia desvalida de Setubal,
no primeiro anniversario da sua instituição)

Bemdita sejas na terra
Ó divina caridade;
Á pobresa e á orphandade
És allivio e protecção !
Trocas os prantos em riso,
E na desvalida infancia
Derramar luz e fragrancia
É teu celeste condão !

Sobre a terra não existe,
—Dentro de alma generosa—
Prazer como o que se gôsa
Quando o bem se praticou;

Quando o pobre e o desgraçado
 Estende a mão supplicante,
 E abençôa o caminhante
 Porque a fome lhe matou !

Assim, pois, as criancinhas
 Que da fortuna esquecidas,
 Divagando entristecidas
 Mal nos podiam sorrir,
 Amparadas n'um asylo
 Hão de amar seus bemfeiteores,
 N'esse jardim onde as flores
 Têm alma para sentir.

Quando nos ermos da vida
 Esmolas chovem piedosas,
 No ceu reverdecem rosas
 De eterno viço e frescor !
 Bemdita sejas na terra
 Ó divina caridade,
 A pobresa e a orphandade
 Acolhes com tanto amor !

IMSONNIA

Só me cercam phantasmas de tristeza;
Que silencio! Que horror! Que escuridade!
Parece muda ou morta a natureza.

BOCAGE.

Reinam as trevas! tudo em paz descansa
Sob os mantos que a noite destendeu!
Té a lua se esconde em véos de gaze
E parece dormir!... Vélo só eu!

Sósinha, entregue á dor, eu vélo e scismo,
Immersa nos mais negros pensamentos!
Porque não vens, ó somno? ó doce amigo
Porque não vens findar os meus tormentos?

A quantos que durante o dia soffrem
 Não prestas santo allivio n'esta hora!
 E negas-me igual bem! e não me escutas!
 E foges da infeliz que assim te exora!

Vem depressa! que a vida, em quanto durmo,
 Será talvez mais facil de levar!...
 Vem dar-me sonhos bellos em que eu possa
 Ver-me feliz... ao menos a sonhar!...

És a imagem da morte, e no teu seio
 Têm abrigo seguro os desgraçados!
 Não tardes! vem cerrar meus tristes olhos,
 De prantos e de insomnias macerados!

Quando o sonno final um dia os feche,
 Despertando-me a luz da eternidade,
 Ditosa então serei, porém agora
 Cercada estou de densa escuridade...

Vem, pois, que durante algumas horas
 Darás allivio ao meu cruel tormento;
 Em ti a morte vejo, em ti encontro
 Dois grandes bens: a paz e o esquecimento!...

MAL D'AMOR

Escuta o que te diz
O anjo do amor que vela a mocidade
Deixa à velhice o pranto e a soledade
Ama, e serás feliz!
C. DE FIGUEIREDO.

Dize-me o motivo,
Gentil donzellinha,
Porque andas sósinha
Tão triste, a scismar!

Hontem toda risos,
E agora um desgosto
Já vem o teu rosto
De sombras toldar!

Mas o que deu causa
À essa mudança?

Tens, pobre criança;
Alguma afflição?

Nada me respondes!
Com ar contrafeito
Pousas sobre o peito
A nevada mão!...

Ai sim! não me engano!
Tuas faces vejo
Cobertas de pejo
Que accusar-te vem!...

Não sei de doença
Mais tenaz do que esta!
É sempre funesta...
Remedio não tem!...

Mas olha, não temas;
O mal que padeces
E que não conheces,
Um crime não é.

Novos horisontes
Te rasgá o futuro;
Com passo seguro
Caminha. Tem fé.

E tão enleiada!
E tão vergonhosa!
A face mimosa
Te cobre o rubor.

Ai não te envergonhes;
Aos que amam, Deus ama;
E o teu mal se chama...
Não sabes?... *amor!*

Setembro de 1870.

A MINHA ESTRELLA!

Jamais se esconda tua luz tão bella,
Formosa estrella do meu puro céu!
Ai! que se um dia te não vejo pura,
Toda a ventura para mim morreu!

Eu te procuro quando o sol nos foge,
E ainda hoje namorar-te vim!
Quando te vejo scintillar, querida,
Esqueço a vida n'este enlevo assim!

Esqueço tudo quanto abrange a terra;
A paz e a guerra, e o prazer e a dor!

Deixando aos homens a ambição, que arrasta,
A mim me basta teu feliz amor!

Se um dia, a vista, percorrendo espaços,
Não visse traços de tão meiga luz,
Ficava triste, sem amor, sem vida...
No chão caída deporia a cruz !

SAUDADE

Tudo pedi na affligrão
Da medonha soledade,
Tudo pedi... mas saudade.
Ai a saudade é que não!
D. ANNA A. PIACIDO.

Amei! que importa? que teve
De criminoso esse amor,
Se foram meus sonhos bellos,
Os innocentes anhelos
Da mocidade em verdor?...

Depois densa, negra nuvem
Minha estrella escureceu...
Se tento buscar-lhe o trilho,
Ou não a vejo, ou sem brilho
É tão triste... como eu!...

Com as crenças do passado
 Mais uma crença ficou...
 Na aridez da soledade
 Não tenho mais que a saudade
 Que triste pranto orvalhou!...

N'esta vida toda espinhos
 Que outra flor pode viçar?
 Agora, nas cinzas frias
 De passadas alegrias,
 Nem sequer devo tocar!

Perdido tudo que outr'ora
 Alegrava o meu viver!
 Ao lembrar-me do passado
 Tão bello, tão encantado,
 Mais me sinto entristecer!

Quem ha tão feliz que ignore
 Das saudades o amargor?
 Quando ás vezes nos sorrimos,
 Com esse riso encobrimos
 Nossa mais pungente dor!...

UM VOTO

(NO ALBUM D'UMA SENHORA)

Impõe o costume deixar n'estes livros
Banaes elogios, finezas tambem!
São coisas da moda já tão repetidas
Que péccam por velhas e não entretem!

Das lyras doiradas nas cordas sonoras
Ha cantos brilhantes de maga hormonia!
Mas eu, de tão pobre, nem ouso dizer-te
Palavras festivas que dão alegria!

Quem vive cercada de negra tristeza
Que pode de alegre dictar e sentir?..

Idéas risonhas jamais eu as tenho...
Nem devo escrevel-as! Não posso mentir!

Só posso, só devo sagrar-te o meu voto;
E votos mais intimos nunca senti!
Que um anjo custodio teus dias proteja,
Que seja contigo, que véle por ti!

Estrella propicia guiando os teus passos
Te ensine o caminho que ao ceu nos conduz.
As nuvens espessas que enluctam a alma
Toldar-te não possam das crenças a luz!

Setembro de 1868.

SOL POSTO

E tão suave ess' hora
Em que nos foge o dia,
Em que suscita a lúa
Das ondas a ardentia.

A. HERCULANO.

Põe-se o sol; é solemne este instante
De indelevel poesia e de encantos!
Oh, são grandes, immensos e santos
Os momentos d'amor e de fé!
Quantas vezes de magoas oppressa,
Contemplando esta luz do sol posto,
Quantas vezes deslisa em meu rosto
Doce pranto que triste não é!

N'esta hora tão meiga, ó poesia,
 Vens beijar minha fronte ao de leve,
 E me levas nas azas de neve
 A pairar n'esses mundos só teus!
 Em teu seio a minha alma arrobada,
 Esquecida de tudo o que é pena,
 Solta já das cadeias, serena
 Vai subindo... subindo até Deus!

Não é entre enganosos prazeres
 Das cidades que est'alma se inspira,
 Nem lá podem as cordas da lyra
 Suas notas sentidas vibrar;
 É aqui, na soidão, é no campo,
 Nas encostas dos montes, n'um ermo,
 Que o meu peito sem forças, enfermo,
 Inda pode um allivio encontrar.

É no campo, ao sol posto, que invóco
 Uma esp'rança risonha, florida,
 Que entre angustias e trevas da vida
 A meus olhos mais bella reluz!
 Ao seu brilho tão claro e tão puro,
 Divisando outro mundo mais santo
 De perenne ventura, de encanto...
 A minh'alma se inunda de luz!...

Meiga esp'rança, divino conforto!
 Dos que penam tu nunca te esqueces;

Como sempre festiva appareces
 A quem soffre, a quem é infeliz!
 Quando esgóto, transida de dores,
 Este calix que tive por sorte,
 É então que me apontas meu norte,
 É então que mais bella sorris!...

.....

Já de sombras a terra se veste,
 Que entre nuvens o sol vai fugindo;
 Este sol que ainda ha pouco tão lindo
 Era rei no horizonte a fulgir!
 Inda assim n'esse extremo lampejo,
 Inda assim desmaiado é formoso;
 Como é terno, suave e saudoso
 N'este adeus que nos diz ao partir!

Froixo e tibio, declina, esmorece,
 N'estas horas de paz infinita,
 N'estas horas de crença bemdita,
 Que tão gratas doçuras contêm!
 Qual a sua é a minha existencia:
 Já sentiu alegria um instante;
 Mas agora, sem luz, vacillante,
 Desfallece... declina tambem!..

NÃO FUJAS!

NO ALBUM DA EX.^{ma} SR.^a
D. AMELIA GALVÃO VINHAS BASTOS

Em Portugal, uma aldeia,
Por noites de lua cheia,
E tão bella e tão feliz!
J. de LEMOS.

Do Brazil filha mimosa
Que fazes em Portugal,
Que não te vejo saudosa
Da tua terra natal?!

Minha gentil brazileira,
Sempre alegre e prasenteira
N'este meu lindo paiz!
Não sabendo o que é saudade,
Toda viço e mocidade,
Quem péde haver mais feliz!?

Dizem que são muito bellas
 As terras do teu Brazil;
 Que têm mais brilho as estrellas,
 E é mais puro o ceu d'anil;
 Que n'esses climas ardentes
 Os amores são vehementes,
 Inda mais que são aqui!
 Mas eu, que sou portugueza,
 Quero tomar a defeza
 D'esta terra onde nasci!

Em affectos nós vencemos
 Os teus patricios do sal.
 Repara: tambem cá temos
 Campo verde, e ceu azul!
 Se nos faltam as palmeiras,
 Abundam as laranjeiras
 Copádas, cheias de flor.
 Nem faltam aves canoras
 Que saudem as auroras
 Com seus canticos d'amor!

Se não tens redes de pennas
 Em que possas embalar-te,
 N'estas aguas tão serenas
 Podes sem medo banhar-te;
 Sim, nas aguas do meu Sado,
 —Vasto espelho prateado—
 Vai o teu rosto mirar;

Verás como elle é formoso!
E como brando e amoroso
Vem as planicies beijar!

Não temos virgens florestas,
Mas não nos faltam collinas;
E mais formosas são estas
Esmaltadas de boninas!
Em horas de calma ardente
Vai recostar-te indolente
À sombra dos laranjaes,
E nas horas encantadas
Em que as auras perfumadas
Vão gemer entre os rosaes!

Não desates nunca os laços
Que a sympathia teceu,
Não fujas dos nossos braços,
Não te apartes d'este ceu!
Tens dentro de nosso peito
Profunda affeição, e o preito
Que tu sabes inspirar.
És feliz! e Deus permitta
Que nunca venha a desdita
Um tal encanto quebrar!

O INVERNO

És feliz, aí! feliz se o inverno,
Te não diz em seu lívido aspecto
Que, perdido o teu último afecto,
Da tua vida o calor se acabou!

G. D'AMORIM.

Vem assomando o inverno!... O sol véla-se a espaços;
Aqui ruge o aquilão; nos mares escarcéos!
O firmamento ha pouco azul e tão formoso,
De brumas tem agora espessos, densos véos!

Manhãs de primavera, onde vos escondesteis?
Calmoso, ardente estio, onde é que estás tambem?
Fugiram!... assim foge o riso, a mocidade!..
Se um giro tem o anno, um giro a vida tem!

Rodando uma só vez o cyclo da existencia
Os tempos não renova, os annos não desfaz!...
Não remoçamos nós! resurgem primaveras,
Sucedem-se estações!... Jazemos nós em paz!...

Velhice e desconforto! as metas do futuro
Alvejam-nos tão perto!... E tudo finda ali!...
Vem tu, ó sol da gloria, illuminar-me a fronte,
Doirar os dias meus, vividos ainda aqui!

Dezembro de 1869.

ANNO BOM

Lá surge um anno novo
Co'a luz do novo dia,
Co'o sol a nova aurora!
Surgiu! bem vindo seja!
Delicias e alegria
No mundo é tudo agora!

Mas quem será vidente?...
Volvei magoado olhar
Ao anno que findou!
No livro do futuro
Quem pôde soletrar?
Quem já o analysou?

Ninguem! tudo é mysterio!
Só Deus lá sabe ler!
E a sua mão potente
Virou mais uma folha
Que não mais hade ver
A geração presente!

Gozae e ride alegres,
Folgae que eu intristeço
De vaga anciedade!
Em vós é tudo esp'rança,
Eu nada espero e peço...
Em mim tudo é saudade!...

O REGRESSO DA PRIMAVERA

Ó primavera! é tua festa esplendida!
Tudo que exulta é convidado aqui!
Tudo se achega aos teus effluvios místicos,
Tudo se enfeita, e reflorece, e ri!

T. RIBEIRO.

Chegou a primavera! O sol dardeja
Com mais brilho e fulgor!
Sentem as almas já mais doce jubilo,
E os peitos mais amor!

A natureza inteira um hymno sólta
Alegre e festival!
Deixa, Senhor, deixa cazar meu canto
A festa universal!

Cantemos! que nem tudo n'esta vida
 É pranto, magoa e dor;
 Tambem entre os espinhos e os abrolhos
 Viceja muita flor!

Alem, sobre o copádo e verde cedro
 Gorgeia o rouxinol;
 Tapetes de esmeralda o solo cobrem,
 Doirados pelo sol;

Sereno o mar não teme as tempestades;
 Do céu é linda a cor:
 A lua é mais poetica e formosa,
 Mais doce o seu pallor!

Ai triste!... se contemplo a festa esplendida
 Da florida estação,
 Julgo volver aos meus passados annos...
 É mais uma illusão!...

Onde é que estás, ó minha primavera?...
 Que sôpro abrazador
 Veio crestar sem dó, e sem piedade,
 Teu viço encantador?

Foi o *tempo*, que passa e que não volta!
 E no seu decorrer

Vos levou para sempre, ó minhas flores,
Meus risos, meu prazer!

Mas se agora no mundo é tudo bello,
E aqui em derredor
Tudo palpita e ri; se tudo eleva
Um hymno ao Criador,

Tambem eu quero unir este meu canto
Á festa universal;
Quero alegre, a sorrir, esquecer magoas
Que tenho, por meu mal!

Marco de 1870.

IGNOTO AMOR

Quem és tu? Poder occulto
Me tem obrigado a amar-te!
Sem poder nunca fallar-te,
Sem te ver uma só vez!
Serás visão feiticeira
Toda c'roada de esp'rança,
Quo em meus sonhos de criança
Me sorria tanta vez?...

És a estrella scintillante
Que nas horas do sol posto
Vem inundar o meu rosto
Com sua magica luz?

És o meu anjo da guarda,
Que me dá vigor e alento
Para sofrer o tormento
Da minha funesta cruz?

Não respondes! mas eu posso
Affirmar-te que te adoro!
E por ti ás vezes choro
Sem mesmo saber porquê!
Em visões, estreila, ou anjo,
A minha alma te procura,
E em delírios de ventura
Por te amar espera e crê!

Não me deixes visão linda,
No desterro d'esta vida!
Oh minha visão querida
Nunca me fujas d'aqui!
Nas horas em que não tenho
Tua imagem a meu lado,
Meu pensamento agitado,
Foge, e vai poifar em ti!

Brilha sempre! não te apagues
Minha estrella peregrina!
O teu brilho me illumina
E me dá vida e calor!

Para o ceu, d'onde vieste,
Leva-me um dia contigo,
Anjo, dá-me amparo e abrigo
Nas azas de nivea côr!

BRANCA POMBA

Alvo lyrio, branca pomba,
És tão linda em teu alvor?
J. DE BRUS.

Linda pomba com azas de neve,
És acaso enviada por Deus?
Vens na terra poisar ao de leve,
E vaes logo em demanda dos ceus!

D'onde vens? porque fendas os áres?
Onde vaes? teu destino qual é?
Atravessas o campo e os algares
E um instante me poisas ao pé!

Oh eterna e formosa viajante,
Que saudades eu tenho de ti
Quando n'essa carreira incessante
Tão depressa te afastas d'aqui!

Mensageira de paz e bonança,
 As mensagens não vêm para mim!...
 Eu não tenho no mundo uma esp'rança,
 E tu fallas de esp'ranças sem fim!

Andas sempre cruzando os espaços
 Em procura—quem sabe?—d'amor!
 Vem aqui descansar nos meus braços,
 Terás vida, alegria e calor!

Como tu, a minha alma, adejando,
 Luz e amor foi tambem procurar;
 Fatigou-se—coitada!—buscando
 Esses bens, que não poude encontrar!...

Seio amigo não teve na vida
 Onde exhausta se fosse acolher!
 E eu te ofereço, gentil foragida,
 O meu peito, onde podes viver.

És ditosa, pombinha de neve!
 Tens destino melhor do que o meu!...
 Se n'um pantano roças de leve,
 Logo vôas, erguendo-te ao ceu!

BOCAGE

Elle era um genio: na espacosa fronte
Deixára um traço vivo do horisonte
O sol da inspiração que ahi passára.

J. MONTEIRO.

Nenhum a pedra ou inscripção ligeira
Recorda o grão cantor.....

SOARES DE PASSOS.

Setubal, que se ufana de ser berço
A Bocage, ao poeta sublimado,
D'esse genio imortal, apaixonado,
Não conserva sequer uma memoria!
Extinta para sempre aquella vida
De talento, pobreza, e magoas chcia,
Nem lhe resta uma pedra onde se leia
A sua triste história!

Ingratos filhos d'esta nobre terra,
 Quem pôde relevar vosso desleixo?...
 É justa a dor com que de vós me queixo,
 Pois olvidaes tão viridentes loiros!
 Se alguem vos perguntar onde repousam
 De Elmano as cinzas, que resposta daes?..
 Vergonha!... Nem as cinzas lhe guardaes,
 Legando-as aos vindoiros!

Foi a poesia o seu constante anhelo,
 Foi-lhe condão e luz na vida inteira!
 Agonisando, do sepulchro á beira,
 Soltou a voz sonora, ergueu um hymno!
 Tal como o cysne, que cantando morre,
 Morreu aquelle por quem chora o Sado!
 E só emmudeceu quando apagado
 O seu estro divino!

«Nenhuma pedra ou inscripção ligeira»
 De Bocage recorda o nome e a gloria!
 Mas nos seus cantos eternal memoria
 —Graças a elle—nos ficou ainda!
 É que os engenhos de subido alcance,
 Prevendo que os espera o esquecimento,
 Nas suas obras deixam monumento
 De duração infinda!

A GLORIA

A gloria! o sonho do crente!
o extasi do profeta!
a noiva do cenobita!
a aspiração do poeta!

C. DE FIGUEIREDO.

Se a gloria é sombra que se esváe na campa,
Se a gloria é fumo que no ar se esvae,
Não sei! mas creio que é visão formosa
Após da qual a humanidade vac.

E corre ávante, não descança nunca
No seguimento da miragem bella,
Que acêna ao longe, que depois se esquiva
Sem que se saiba que foi feito d'ella!

Ao templo augusto, aonde tem o seu throno,
 Bem raras vezes o mortal conduz!...
 Quando apparece de clarões cercada
 Surprehende a vista!... o coração seduz!

No capitolio de esplendor estranho
 É tudo c'roas e virentes palmas!
 Das suas flores o suave aroma
 Prende os sentidos! embriaga as almas!

Sombra ou miragem que se alonga e foge,
 Ou fumo, ou deusa, ou celestial visão,
 A gloria existe! tudo vem dizer-nos
 Não ser um sonho nem desejo vão!

Mas sempre occulta ficarás, ó *gloria*,
 A mim, que morro sem jamais te ver!
 Das muitas c'roas que teu throno adornam
 Ai! não me é dado uma só flor colher!

Fevereiro de 1870.

ULTIMO CANTO

Alma! esforça-te um instante
Quebra as algemas da dor,
Dá-me um hymno agonisante
No teu extreme fulgor!

C. CASTELLO BRANCO

Minha lyra, teus éccos foram sempre
Gemidos d'agonia!
E se deixar-te... meu Deus ainda tenho
Saudades da poesia!

N'aperto tu és, e encantadora,
D'amor de nivela cor,
Mas me appareças mais, foge depressa,
Apaga o teu fulgor!

Não quero ver-te já! seduz teu brilho
Mas torna-me infeliz!

O teu sorriso encanta, mas eu choro
Enquanto me sorris!

Acabem pois os loucos devaneios
D'esta louca paixão!

Da terra me fugia, ao céu voava
Meu pobre coração!

Aos astros ascendi em nuvens de ouro,
E d'este mundo além,
Por escassos momentos fui ditosa
Como não foi alguém!

Foi-me a lyra thesciro e confidente!...
As cordas lhe feri
Unindo-a contra o peito; outra ventura
Maior jamais senti!

Doirados sonhos de nrentida gloria,
Ó lindos sonhos meus!
Vou acordar! a realidade é triste...
Ai, para sempre adeus!

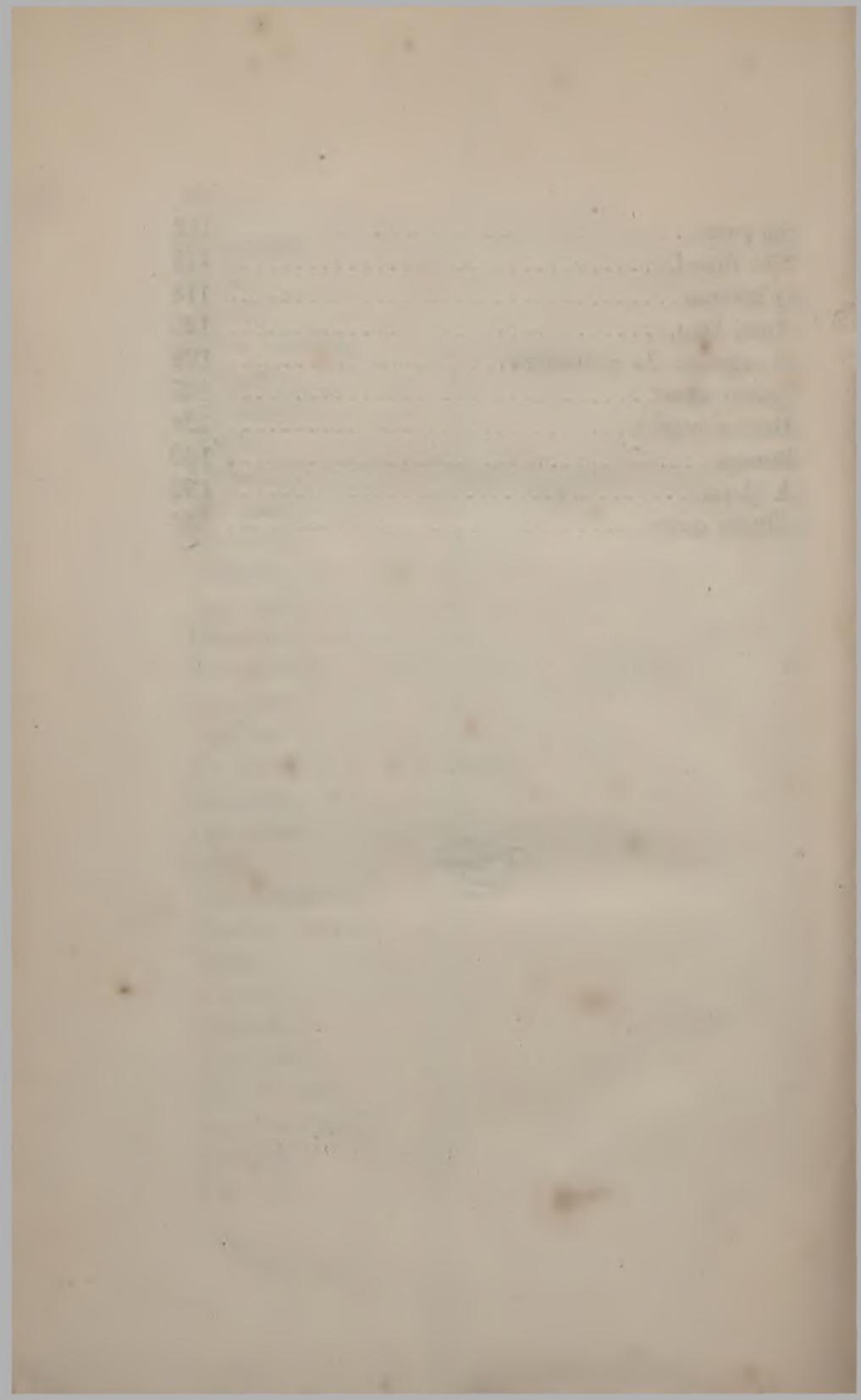
ÍNDICE

	Pág.
PROEMIO.....	1
Deus.....	1
Crepusculos.....	4
Evora.....	6
Lagrimas.....	8
A criança adormecida.....	10
Primavera.....	12
Solidão	14
O que eu amo.....	16
Estações da vida.....	18
Amor.....	20
O desterrado.....	22
Gósa.....	24
Manuela Rey.....	27
Saudades da infância.....	30
Virtude.....	33
A mulher.....	35
Já não !.....	37
O naufragio	39
Dias sem sol	42
Sonho ou verdade?.....	44

	pag.
O engeitado	46
Desdita	48
Choras?!	50
Poesia e mulher	52
Suspiros	55
Lembra-te!	57
Camões	59
Adeus	61
Não queiras!	63
Esperança	65
Amisade	67
Anjo caido	69
Desalento	71
Não chores!	73
A coquette	75
Castilho	77
No album do sr. J. A. Rocha	79
Invocação	81
Dor íntima	84
Abril	86
Regressaste!	90
Illusões perdidas	92
Izabel II	94
A orphã	97
Caridade	99
Insomnia	101
Mal de amor	103
A minha estrella	106
Saudade	108
Um voto	110

Sol posto.....	112
Não fujas!.....	115
O inverno.....	118
Anno bom.....	120
O regresso da primavera.....	122
Ignoto amor.....	125
Branca pomba	128
Bocage	130
A gloria.....	132
Ultimo canto.....	134





COMISSÃO DA CONDIÇÃO FEMININA

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO

Nº 8369

Data 15-9-81

Obs.

